

UMA POSSÍVEL LEITURA DOS ARQUÉTIPOS NA SOCIOLOGIA COMPREENSIVA DE MAX WEBER

Severina Vasconcelos Carvalho

Professora de Língua Portuguesa e Literatura do CEFET-RR desde 1994, graduada pela UFRR, em Licenciatura Plena em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Francesa e Literatura, especializada em Língua Portuguesa pela PUC-MG e mestre em Ciências da Educação Superior, pela Universidade “Camilo Cienfuegos”, Matanzas, Cuba

RESUMO

Seguindo uma direção oposta aos positivistas que viam a sociedade como exterior aos indivíduos, Max Weber argumenta que as normas sociais se tornam concretas quando se manifestam nas pessoas em forma de motivação, cabendo ao cientista apreender o sentido produzido pelos diversos agentes em todas as suas conseqüências, embora jamais se consiga dar conta da realidade em sua totalidade, uma vez que os resultados sempre serão parciais. Com isso, Weber sugere entender os mecanismos subjacentes à sociedade capitalista pela interação tipológica entre razão e paixão, economia e religião, burocracia, patrimonialismo e carisma, para apontar o caráter, por vezes inefável, dos infinitos acontecimentos que determinam as ações humanas.

PALAVRAS-CHAVE

Max Weber. Normas sociais. Racionalidade. Ações sociais.

ABSTRACT

Following a direction opposed of the positivists that saw the society as external of the individuals, Max Weber says that the social norms revealed concrete they show in the people in motivation form, taking the scientist to apprehend the sense produced by the several agents in all their consequences, and never will be possible to give answers the all reality, because the results will always partial. Weber suggests to understand the underlying mechanisms of the capitalist society through interaction topologist among reason and passion, economy and religion, bureaucracy, patrimonial and charisma, pointed the character, sometimes unspeakable, the infinite events that determine the human actions.

KEYWORDS:

Max Weber. Social norms. Rationality. Social actions.

No final do século XIX, a partir dos alicerces formados pelo positivismo de Augusto Comte, cuja inspiração se remonta ao empirismo metódico de Francis Bacon (1561-1626), a sociologia procurou fundamentar uma possível identidade com as ciências naturais, espalhando seus ecos pela França e restante da Europa, afetando, por exemplo, o logicismo de Steward Mill. Na contramão desse movimento, seguindo os passos do Romantismo Alemão presente no idealismo de Hegel (1770-1831) e Schleiermacher (1768-1834) abriu-se uma corrente de pensamento que se reverberou em defesa da distinção entre as ciências naturais e as ciências da cultura, contrária às idéias dos herdeiros do positivismo francês. Dilthey, Windelband e Rickert indicaram o caminho que passaria a orientar metodologicamente aqueles cientistas sociais voltados ao entendimento dos fatos humanos particulares: o método compreensivo (*Verstehen*), técnica heurística da ciência da cultura. Sem rejeitar as concepções gerais da sociologia, Max Weber matiza essa técnica, através da explicação de que a sociedade só pode ser entendida por aquilo que os indivíduos - partes de uma realidade infinita de coisas - fazem juntos, atribuindo sentido às suas ações no curso do tempo, porém vivendo alheios a elas, gerando contextos subjetivos que podem ser apreendidos compreensivamente.

Por voltar-se ao deslindamento dos processos persistentemente vivos da experiência humana, extraindo o sentido (*Sinn*) das ações que os indivíduos tecem a partir das relações sociais, Weber responde, em consonância com uma visão semasiológica, às indagações de como os homens orientam suas ações tendo em vista determinados fins, que podem ser deste mundo, domínio de uma realidade profana, ou parte de um domínio extra-humano, o das coisas sagradas. Assim, o assunto em tela sugere levantar algumas possibilidades analíticas e sugestões de reflexão sobre leituras dos escritos de Max Weber, limitando-se, no entanto, a esboçar algumas sugestões e a partir delas recolher umas poucas conclusões.

Weber, no Livro *Economia e Sociedade*, oferece uma definição do que vem a ser sociologia: “uma ciência que pretende entender a ação social para explicá-la causalmente em seu desenvolvimento e efeitos”, para em seguida definir ação social: “deve-se entendê-la por uma conduta humana sempre que o sujeito ou os sujeitos da ação dêem a ela um sentido subjetivo”. Mais adiante, avança essa definição, dizendo que “a ação social se orienta pelas ações de outros, as quais podem ser passadas presentes, ou esperadas como futuras”, e que também “os outros podem ser individualizados e conhecidos ou uma pluralidade de indivíduos indeterminados e completamente desconhecidos (...)”. Em seguida, conclui que a ação social pode ser racional com objetivos determinados, em termos de valores, em termos afetivos e tradicionais¹.

Como se pode vislumbrar a noção de ação social proposta por Weber, primeiramente, está vinculada à idéia de racionalidade, o agir prudente, significando que os homens possuem uma capacidade imanente para atribuir valores às suas ações, e quando assim procedem, perseguindo certos fins, fazem-no em consonância com atributos racionais. Com isso, Weber chama a atenção para o papel a ser desempenhado pelas ciências da ação: encontrar o “sentido” da ação humana, tanto os meios compreensíveis como os incompreensíveis que se utilizam para atingir um fim determinado². Portanto, o fim de uma ação só adquire significação quando se conhece o encadeamento que o sujeito deu a ela, sendo um procedimento eminentemente racional. A esse respeito, um comentador de Weber, Héctor Saint-Pierre, sugere que

Nesse sentido, uma conduta não será uma ação se não puder ser associada a uma intenção: toda ação é proposital. Assim, todo comportamento não-teleológico carece de sentido, é apenas um comportamento causado. Recordemos que, para Weber, ‘fim’ é a representação de um resultado que passa a ser causa de uma ação. Levamos em conta esta, como qualquer outra causa que produza ou possa produzir um resultado pleno de significação. Ou seja, que deste ponto de vista o objeto da ação se relaciona com ela como uma causa final do sentido aristotélico³.

O que está em jogo é o caráter racional da ação, tanto que Gabriel Cohn, um outro comentador de Max Weber, assevera que no conceito de ação social, ele nega a idéia ‘romântico-naturalista’ do caráter inefável e irracional da personalidade e de sua relação com a ação livre. Diz ainda que quanto mais a ação mantém-se livre de coerções externas e internas,

... tanto mais a motivação conforma-se, *ceteris paribus*, às categorias ‘fim’ e ‘meios’, tanto mais sua análise racional e eventualmente sua inserção num esquema de ação racional se torna possível, mas também é igualmente grande, em consequência disso, o papel desempenhado pelo conhecimento nomológico, tanto para o agente quanto para o pesquisador, e tanto mais o agente está ‘determinado’ no tocante aos ‘meios’. Há mais. Pois, quanto mais ‘livre’ no sentido aqui empregado, é a ação, vale dizer, quanto menos trás em si o caráter do ‘decurso natural’, tanto mais se realiza aquele conceito de ‘personalidade’ que encontra sua ‘essência’ na constância de sua relação interior com determinados ‘valores’ e ‘significados’ da vida últimos, que se exprimem em suas ações e

fins e assim se convertem em ação teleológica-racional. (...) Para o fabricante na luta concorrencial ou para o investidor na Bolsa a crença no seu 'livre-arbítrio' é de pouca valia. Ele tem a opção entre a aniquilação econômica ou a obediência a máximas muito determinadas de conduta econômica. Se ele não as segue, para seu prejuízo, seremos levados a considerar - entre outras hipóteses possíveis - a explicar de que ele carecia de 'livre arbítrio'. Precisamente as leis da economia teórica pressupõem, necessariamente, tal como naturalmente ocorre com qualquer interpretação puramente racional de evento histórico singular, a presença do 'livre-arbítrio' em qualquer sentido possível do termo no plano empírico⁴.

Um aspecto pertinente na formulação da ação social em Weber, e que a citação assinalada por Gabriel Cohn reforça, é que o mercado constitui o arquétipo de toda atividade societária racional, posto que na “comunidade de mercado”, a ação da troca (ou da troca de dinheiro), não se orienta somente pela ação de uma ou outra parte, mas sim com todos os participantes potenciais envolvidos na relação de troca⁵. Ora, se Weber argumenta que a ação social se constitui na relação de um com os outros, o mercado é o lugar em que essa relação se potencializa em todos seus aspectos. Isso, aliás, como alude Cohn, explica o porquê da noção de mercado estar presente insistentemente na obra de Weber. Quem o lê se convence de que para ele o mercado constitui um lugar de interação, no qual os agentes se defrontam “em termos do sentido de suas ações”.

Pode-se indagar por que Weber leva às últimas conclusões a idéia de que a ação dos homens implica a probabilidade de encontrar certos fins. Uma resposta possível, é que ele considera que as circunstâncias pelas quais se dão as ações são atributos práticos da racionalidade do homem, uma vez que visam à satisfação dos interesses e das carências da vida diária. Nesse sentido, Weber assegura que:

Não as idéias, mas os interesses material e ideal governam diretamente a conduta do homem. Muito freqüentemente, as imagens mundiais criadas pelas idéias determinam quais manobreiros, os trilhos pelos quais a ação foi levada pela dinâmica do interesse⁶.

Raciocinando por este lado, a busca incessante por interesses e necessidades materiais é que dá sentido à vida cotidiana. Weber parte da idéia que os elementos para a satisfação dessas necessidades são escassos, e que, portanto, o homem tem que competir com outros homens ou trabalhar para consegui-la, implicando um conflito permanente nas relações sociais, embora quase sempre se dê de forma

velada. O bem-estar de um significaria o prejuízo de outro, levando este outro a adquirir consciência de que a miséria decorre da fortuna de uns, conduzindo, por conseqüência, à crença de que a vida, muitas vezes, torna-se insuportável, impondo ao homem a necessidade de uma transcendência que responda à situação de carência e de ausência da vida cotidiana, e todas as relações consideradas profanas. A respeito da escolha entre uma vida profana ou sagrada, Weber considera que:

Sempre houve, quanto a isso, possibilidades muito diferentes; o homem podia desejar ser salvo da servidão política e social e elevado até um reino messiânico no futuro deste mundo; ou podia querer ser salvo da degradação provocada pela impureza ritual e ter esperança de beleza pura da existência psíquica e corpórea, podia desejar não ser aprisionado num corpo impuro e desejar uma existência exclusivamente espiritual. Podia querer ser salvo do jogo eterno e sem sentido das paixões e desejos humanos, e esperar a quietude da pura contemplação divina. Podia desejar ser salvo da mal radical e da servidão do pecado e esperar a benevolência eterna e livre no seio de um deus paternal. Podia querer ser salvo da servidão sob a determinação, astrologicamente concebida, das constelações estelares e ansiar pela dignidade, liberdade e participação da substância da divindade oculta. O homem podia querer ser redimido das barreiras ao finito, que se expressam no sofrimento, miséria e morte, no ameaçador castigo do inferno e na esperança de uma benção eterna numa existência terrena e paradisíaca. Podia desejar ser salvo do ciclo dos renascimentos com suas compensações inexoráveis para os atos dos tempos passados e esperar o descanso eterno. Podia querer ser salvo das confusões insensatas e dos fatos, e ansiar pelo sono sem sonhos⁷.

O homem não persegue, portanto, unicamente bens materiais, pois junto a estes seguem os bens imaginários, isto é, os bens da redenção, um outro arquétipo da sociologia weberiana que estará relacionado ao primeiro. Assim, dirá Weber, “a ordem mundial tem que parecer por isso um cosmo”; em resumo, isso quer dizer que tudo deverá possuir um sentido claro para dar significação ao interior da vida humana. São dois eventos que estão internamente relacionados: um é a razão profana, aquela do mundo, que impõe uma necessidade de justificação; a outra é a razão das coisas divinas, a dimensão do sagrado propriamente dita, construída pelo homem em decorrência de uma existência ditada pelo afeiçoamento ou por sentimentos baseados na afetividade e na relação com o cosmo. A ação racional das determinações existenciais do homem contempla, assim, as duas dimensões:

uma é a realidade transcendente, na qual as emoções são levadas a um alto grau de intensidade, a outra é a sensível realidade dos atos, vividas rotineiramente.

Considerando a religião como um sintoma de desagravo aos olhos dos deuses, ao mesmo tempo como um sinal de culpa secreta, diz Weber, “a religião atende psicologicamente a uma necessidade que é muito geral. São os afortunados que não se contentam com o fato de serem afortunados, procurando por todos os meios justificar sua boa sorte, convencendo-se que são merecedores dessa condição em relação aos outros, e que, portanto, em comparação, esses também são merecedores da condição miserável que experimentam”. Em suma: a religião proporciona a teodicéia da boa fortuna para os que são afortunados. Essas teodicéias estão ancoradas em fortes necessidades (‘farisaicas’) do homem, e, portanto, são facilmente compreendidas, mesmo que não se atente bem, com frequência, para os seus efeitos⁸.

Por isso, a religião é, em Weber, uma referência simbólica que dá legitimidade aos interesses materiais específicos do grupo que torna seu portador. Quando o sentido da existência determina simbolicamente as maneiras como são satisfeitas as carências de certa sociedade, pressupõem-se, sempre, características que farão parte do mundo sagrado, explicando como serão as coisas e os bens de salvação que legitimarão a relação entre os indivíduos que compõem uma dada sociedade. Necessidades materiais e necessidades espirituais estão, assim, integradas numa conexão simbólica que determina o tipo de racionalidade que fará parte da estrutura da sociedade. Assim, racionalidade e estrutura social, entendidas como o mundo e as coisas construídas pelo homem, são duas dimensões da história concreta que se articulam reciprocamente, embora uma não determine a outra; isto é, nem a esfera sagrada e tampouco a profana são determinadoras nesse jogo de relações⁹.

A relação de entrelaçamento entre os sujeitos da ação é informada pela construção de tipos ideais, um elaborado recurso metodológico desenvolvido por Weber para captar o significado que os fenômenos carregam, e, ao mesmo tempo, para formular proposições empíricas a respeito deles. O tipo ideal é, assim, a possibilidade de explicar o real nas suas múltiplas dimensões.

Para chegar a essa noção, Weber parte do princípio de que toda observação é particular, uma vez que a realidade sempre será infundável e caótica, portanto inacessível. Se o pesquisador pudesse dar conta da totalidade dos fenômenos humanos, então se poderia deduzir daí eventos particulares que explicariam os fenômenos, mas é impossível alcançar tamanha objetividade, pois o que se consegue são parcialidades, aspectos relativos que apenas deduzem uma parte do real; a totalidade permaneceria ainda intocável, inatingível. A realidade, portanto,

nunca se esgota, e todas as leis que dela se deduzem nunca expressam sua totalidade, nunca denotam o que realmente existe. O que o pesquisador pode fazer é unicamente penetrar em alguns aspectos dessa realidade através da ciência empírica pelo estabelecimento de nexos causais, mas nunca explicar sua totalidade. A construção típico-ideal é, por isso, uma ferramenta metodológica, um recurso heurístico pelo qual se pode penetrar na realidade, em que o procedimento do pesquisador é apanhá-la para ver quais são os nexos causais que nela se encontram. Em linhas gerais, eram esses os objetivos que ensaiei verificar na população do CEFET-RR: perceber as causas das condutas, os agires e comportamentos presentes em professores, alunos e funcionários para ver idealmente como estavam articulados numa standardização baseada na eficiência. Embora isso seja uma eleição do pesquisador, a construção típico-ideal deve satisfazer às determinações da ciência empírica, sobretudo conduzindo-se pelas leis pertinentes às exigências formais. Essas poucas formulações dão idéia do que é a construção típico-ideal, alertando que ela não é um espelho da realidade, senão unicamente uma forma de expressá-la. Karl Jasper lembra que:

Na medida em que Max Weber, como pesquisador empírico, se opunha às totalidades e, favor do conhecimento particular; a generalidade em favor do específico; à mera elucubração teórica em favor da pesquisa concreta; ao relance e à rotulação em favor do conhecimento penetrante; ao figurativo em favor da análise causal; à mera descrição em favor da construção intelectual; às substâncias em favor da dissolução em fatores captáveis, ele permanecia, na apreensão da realidade empírica, distanciando do núcleo das coisas (...). Precisamente a sua extraordinária proximidade de realidade não significa conhecimento da essência. Max Weber jamais crê ter apanhado a realidade em seu fundamento último. No caso que ele mais minuciosamente examinou sobre material empírico: a dependência do capitalismo moderno em relação à ética protestante, ele descobriu um fator causal, mas sustentou decididamente que havia sido provada a presença de um fator causal, mas não se sua importância quantitativa é grande ou pequena; quando a ele, considerava-a grande¹⁰.

Por essa via, a construção típico-ideal é a maneira pela qual se percebe a ação concreta dos indivíduos, as ações racionais ajustadas a determinados fins: é uma forma de compreender o indivíduo em sociedade, captando o sentido de suas ações. Para Weber, a construção típico-ideal é o instrumento pelo qual se podem caracterizar as ações racionais, portanto reais, dos indivíduos. Porém, o

que seria o homem orientado unicamente pela razão? Ou melhor: é possível ao homem orientar suas ações de maneira estritamente racional, não pairando sobre elas nenhuma das paixões humanas? Weber responde que não, pois a seu ver, o homem não determina os objetos do ponto de vista exclusivamente econômico. O método científico, na sua concepção, consiste justamente na construção de tipos ideais que investigam e expõem todas as conexões de sentido irracional, afetivos e aqueles que estão condicionados no comportamento que influem na ação como “desvios” da construção puramente racional. Weber utiliza o exemplo da pane na Bolsa de Valores. Primeiro ter-se-ia de fixar como se desenvolveu a ação fora de todo efeito de afetos irracionais, para depois poder introduzir como “perturbações” todos os componentes irracionais envolvidos na ação¹¹. Compreender a ação social humana equivale, dessa maneira, captar seu sentido. Desse modo, o exame de uma ação militar ou política, passaria inicialmente pela explicação da ação em termos da maneira como ela se desenvolveu, conhecendo as circunstâncias e as intenções de seus agentes na orientação e eleição dos meios com objetivos definidos. Apenas em seguida é que se pode imputar os desvios e as irracionalidades que as condicionaram. A explicação das ações sociais dos indivíduos a partir dos desvios permite não apenas compreender as ações com seus fenômenos e desdobramentos, mas também compreender a influência de outros elementos não-rationais na constituição dos acontecimentos

A construção de uma ação rigorosamente racional com arranjos a fins serve neste caso à sociologia - em mérito de sua evidente inelegibilidade e, enquanto racional, de sua univocidade, como um tipo (tipo-ideal) mediante o qual compreende a ação real, influída por irracionalidades de toda espécie (afetos, erros), com uma desviação do desenvolvimento esperado da ação racional¹².

Através da construção típico-ideal, Weber determina também o lugar do irracional nos eventos da ação. Na Ética protestante, o tipo ideal de conduta religiosa que garantiu qualitativamente o sucesso do capitalismo, foi o ascetismo intramundano vivenciado pelos protestantes em seus vários seguimentos. Pela tipologia ideal, a sociologia torna-se a ciência da investigação sistemática do sentido racional do comportamento dos indivíduos, tanto em escala individual, quanto em escala coletiva. Weber concebe que toda esfera da vida social (econômica, política, jurídica, religiosa, artística etc.) funciona independentemente uma da outra, articulando-se ao longo do tempo de acordo com uma lógica que lhe é própria, portanto em momento algum é possível explicar uma em função da outra. Ao pesquisador cabe apenas encontrar as afinidades e tensões que se revelam nas

ações dos indivíduos nessas diferentes realidades sociais.

Pelo caminho compreensivo, Weber se propõe investigar as grandes religiões mundiais, não se esquecendo de que os dois domínios que mais lhe chamaram a atenção foram a economia e a religião, tanto que os antagonismos e as tensões próprias à atividade econômica e aquelas próprias à atividade religiosa nascem das relações entre essas duas atividades¹³. A economia é uma atividade aberta à luta e à concorrência de indivíduos que disputam interesses diversos, pois o cálculo racional ou cálculo do capital, orientado para o mercado, é um compromisso de interesse, supondo uma luta de homens, uns contra os outros¹⁴. Por isso, a concorrência é uma característica inerente a toda economia, uma concorrência por interesses materiais que visam à satisfação das necessidades humanas, de classes, do Estado, ou, no plano internacional, das nações. Porém, Weber assinala que a busca da satisfação de necessidade, subjetivamente existente, iguala-se à necessidade efetiva que tenha em conta a produção de bens. Esse é um passo importante na definição de Weber sobre o campo da economia: pois ele considera que para que o desejo subjetivo possa ser satisfeito, depende da escala de urgência e dos bens disponíveis para a sua realização.

Nesses moldes, pelo fato de a economia racional realizar sua estimativa de preços através do cálculo e o uso do dinheiro (elemento mais abstrato e impessoal na vida humana), as relações de mercado são cada vez mais impessoais. Weber lembra que no passado era possível regulamentar eticamente as relações pessoais entre senhor e escravo, precisamente porque elas eram relações pessoais. Mas não dá para regulamentar aquelas relações que se baseiam em créditos bancários e hipotecas, que o capitalismo da moderna cultura burguesa tem levado às últimas conseqüências. Comentando sobre o declínio da cultura antiga, Weber registra uma passagem que demonstra as transformações trazidas pela moderna cultura burguesa:

Certamente teria parecido estranho aos viajantes clássicos o mundo ao seu redor, se um dentre eles tivesse despertado de seus pergaminhos na época coloríngia e contemplado o mundo de uma janela do convento: o odor de esterco o teria atingido. Mas os velhos clássicos dominam, então, como a cultura, o sono hibernar no seio de uma vida econômica que havia se tornado camponesa. E também não os despertava o canto dos menestréis ou o alarido dos torneios medievais. Somente mais tarde, quando com base na divisão livre do trabalho e do tráfico na Idade Média tornou a reviver, quando a passagem para a economia nacional preparou a liberdade burguesa, quando ficou rompida a sujeição às autoridades externas e internas

da época feudal, somente então o velho gigante se recobrou, dotado de nova força, e elevou o legado espiritual da Antiguidade à luz da moderna cultura burguesa¹⁵.

Junto com a consolidação da burguesia e, conseqüentemente, do capitalismo, sua outra preocupação foi a religião. A inquietação de Weber foi saber por que só no Ocidente, e somente nele, deu-se a superação entre religiosidade e economia racional. Seu pressuposto é de que apenas dois caminhos coerentes puderam fugir desta tensão: primeiro, o paradoxo da ética puritana da vocação, que recusando o universalismo do amor (ou a fraternidade), tendo o trabalho nesse mundo como um serviço à vontade de Deus e uma comprovação de seu estado de graça. Segundo pelo misticismo, que indaga do homem para quem e a quem ele se sacrifica, pois ele escapa da tensão entre religião e economia, justamente porque visa a uma fuga do mundo ao se dedicar sem objetivo a todos¹⁶.

Um exemplo mais emblemático que consagra o antagonismo entre religião e economia é seu estudo intitulado *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Weber inicia, indagando qual a combinação de fatores que se pode atribuir ao fato de na Civilização Ocidental haver aparecido fenômenos culturais dotados de um desenvolvimento universal em seu valor e significado. Ou seja, porque é que apenas no Ocidente desenvolveu-se uma ética capitalista assentada no trabalho livre, contaminando todas as estruturas da sociedade? Para responder a essa indagação, Weber debruça-se sobre a história universal para captar a ética peculiar do espírito do capitalismo; um ethos transformado em vocação e que mostra a eficácia das idéias na história humana.

A ascese protestante que considera o trabalho como forma de aumentar a glória de Deus, a perda de tempo como um dos piores pecados porque redundaria na perda de tempo para a glorificação de Deus, a riqueza como sinal de graça e a restrição ao seu uso, conduziram à acumulação capitalista em todas as paragens em que ela existiu.

Consciente de estar em plena graça de Deus, e sob sua visível bênção, o empreendedor burguês, enquanto permanecesse dentro dos limites da correção formal, enquanto a conduta moral fosse sem manchas e não objetável o uso da riqueza, podia agir segundo seus interesses pecuniários, e assim devia proceder. O poder da ascese religiosa, além disso, punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscientes e comparavelmente industriais, que se aferraram ao trabalho como a uma finalidade de vida desejada por Deus. Dava-lhe, além disso, a tranqüilizadora garantia de que a desigual

distribuição de riqueza deste mundo era obra especial da Divina Providência, que, com essas diferenças, e com a graça particular, perseguia seus fins secretos, desconhecidos do homem¹⁷.

Weber mostra que a ascese coloca que Deus deve ser servido na terra e que Ele determinou de antemão os homens para um estado perene de graça ou para a danação eterna. Essa é uma condição inviolável, portanto homem nenhum pode alterá-la. Mas como é impossível conhecer os desígnios de Deus, a dúvida sempre persiste. Nada garante se um indivíduo nasce em estado de graça ou não, a não ser buscando alguns sintomas, um sinal que esteja determinando para o estado de graça. Usar a riqueza por si só já é um sintoma de êxito, mas a incerteza constante leva-os a uma incessante busca.

Mesmo que atualmente a condução da economia seja puramente secular, Weber quer assinalar que a concepção de vida religiosa, somada a outros fatores, tornou-se um fenômeno universal, conduzindo as relações entre os homens para a objetividade racional. Citando Richard Baxter, que disse que as preocupações com os bens materiais somente poderiam vestir os ombros do santo, como um tênuê manto, do qual a toda hora se pudesse despir, ele agrega “que o destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro”¹⁸. Aqui se permite uma questão: como, para Weber, se deu a generalização da disciplina ascética? Tal preocupação é parte de um projeto mais amplo de Weber, em que sua Sociologia Compreensiva é um esforço para ver em termos típico-ideais a história do mundo como uma progressiva racionalização da vida social, e, vislumbrando ao mesmo tempo, como ela afeta subjetivamente o curso do desenvolvimento da cultura de indivíduos concretos em sua atividade global. A preocupação de Weber com a religião se constrói justamente no fato de a religião ser um dos fatores desse desenvolvimento: por ela pode-se ver a progressiva racionalização do mundo e a maneira como seus efeitos vão configurando a História Universal¹⁹.

Quando Weber examina as formas de dominação e seus tipos ideais (racional, tradicional e carismático), seu interesse é apontar como toda religião universal implica uma ruptura carismática com a ordem religiosa tradicional e racional. Nesse sentido, ela é irracional e revolucionária ao mesmo tempo, uma vez que da ordem tradicional só pode surgir um novo direito através dos portadores de carisma. Do conflito entre essas duas modalidades de dominação se define progressivamente a legitimidade legal racional, em que a burocracia e a razão técnico-instrumental são suas características. É o momento nos quais as leis gerais são aplicáveis a todos os cidadãos do Estado; e Weber, nesse momento, convence-se da importância que tiveram os juristas nesse processo. Diz ele:

... foi o trabalho dos juristas que deu origem ao moderno 'Estado', bem como às igrejas ocidentais (...). Com a vitória do racionalismo jurídico formalista, surgiu no Ocidente o tipo legal de domínio, lado a lado com os tipos transmitidos. O Governo burocrático não era, e não é, a única variedade da autoridade legal, mas constitui a sua forma mais pura. O Estado moderno e a autoridade municipal, o moderno padre e capelão católicos, os funcionários e empregados dos bancos modernos e das grandes empresas capitalistas representam (...) os tipos mais importantes dessa estrutura de dominação²⁰.

A racionalização das necessidades políticas e econômicas é transformada em fenômeno universal, evoluindo para uma humanidade especializada e profissional, alterando a vida em seus múltiplos aspectos pela distinção entre ordem jurídica e ordem privada:

Só a burocratização do Estado e do direito reconhece em geral a definitiva possibilidade de um rigoroso distanciamento conceitual entre uma ordem jurídica objetiva e os direitos subjetivos dos indivíduos por ele garantidos, assim como a separação entre o direito público, que concerne às relações entre as autoridades e os súditos, e o direito privado, que regula as relações dos indivíduos entre si. A burocratização pressupõe a separação abstrata entre o Estado, enquanto sustentáculo abstrato do direito de mando e criador das normas jurídicas, e todas as atribuições pessoais dos indivíduos²¹.

Um aspecto atinente na obra de Weber, quiçá a chave teórica de suas idéias, é que o desenvolvimento da racionalidade técnico-instrumental significa o desencantamento do mundo, uma negação do sentido religioso do mundo. Desencantado, o mundo se transforma em relações de calculabilidade, nos quais os interesses do indivíduo racional e das organizações também racionais de dominação são a forma máxima da razão. Os partidos políticos, as empresas econômicas nacionais e transnacionais, as instituições de conhecimento técnico, enfim, o Estado, são o auge da racionalização ao qual a história universal está submetida. O moderno capitalismo seria um resultado disso tudo.

Weber, de seu lado, estava preocupado com a maneira como se procedeu a esse desencantamento e a forma como se constituiu a dominação racional sobre os indivíduos. Quando nas últimas páginas da *Ética Protestante* se refere à “prisão de ferro” a qual os indivíduos seriam submetidos na crescente racionalização do mundo, era essa preocupação que ele expressava. O triunfo da razão sobre a

fê, sobre as formas de dominação tradicional e carismática, tinha para ele um componente perverso, principalmente pelo impacto da dominação burocrática universalizada, que com seu poder submeteu todos os indivíduos a seu serviço, determinando o curso de suas vidas cotidianas no trabalho. Por isso, ele vê a burocracia como uma máquina viva, que impõe a especialização do trabalho profissional, a delimitação das competências, dos regulamentos e das relações de obediência aos hierarquicamente graduados. Essa máquina viva forja e molda, diz Weber, a servidão de um futuro, no qual os homens poderão se ver obrigados a submeterem-se imponentes a ela²².

Embora seja pessimista sobre o futuro de um mundo dominado pela razão instrumental, a burocracia é considerada por ele como a melhor estrutura de poder porque racionaliza gradualmente os universos da política, da economia, da vida social, da cultura, enfim, em todos os rincões em que respira vida social humana²³. Porém, o aspecto mais contundente da racionalização das coisas é a negação do sentido religioso do mundo, no momento em que a razão passa a ser a forma teórica máxima. O desencantamento de que Weber fala e a secularização do Estado são as conseqüências dessa lógica férrea da dominação racionalizadora. Avatar dessa racionalização, a ciência é para ele sua forma máxima, uma “vocaçãõ alicerçada na especialização”, que não impõe unicamente métodos, mas também a disciplina. . Diferente da religião, ela não é produto de uma revelação, nem da graça de um profeta ou visionário, pois:

... o destino levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes. Tais valores encontraram refúgio na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados. Nada há de fortuito ao fato de que a arte mais eminente de nosso tempo é íntima e não monumental, nem no fato de que, hoje em dia, só nos pequenos círculos comunitários, no contato de homem a homem, em pianíssimo, se encontra algo que poderia corresponder ao pneuma profético que abrasava comunidades antigas e as mantinha solidárias. Enquanto buscamos, a qualquer preço, inventar um novo estilo de arte monumental, somos levados a esses lamentais horrores que são os monumentos dos últimos vinte anos²⁴.

O desenvolvimento da racionalidade instrumental, a seu ver, dissolveu o sistema de valores tradicional e coletivo em função dos interesses de um sujeito individual e racional, de uma organização burocrático-racional de dominação e um Estado que expropriou todos os meios de gestão tradicional, substituindo-os

por políticos profissionais.

A rotinização da razão instrumental em todas as latitudes do mundo, se se pensar o capitalismo contemporâneo, sobrepujou o espírito carismático e sua mensagem de salvação coletiva, impondo a secularização radical do mundo que penetra toda a vida humana:

O ascetismo cristão, que inicialmente fugia do mundo para a solidão, já o tinha dominado a partir do mosteiro e através da Igreja. Com isto, todavia, não alterava o caráter natural, espontâneo da vida cotidiana no século. Agora, ele adentrou-se no mercado da vida, fechou atrás de si a porta do mosteiro, tentou penetrar exatamente naquela rotina diária com a sua meticulosidade, e amoldá-la a uma vida racional, mas não deste mundo, nem para ele²⁵.

Esvaziado do espírito religioso pelo capitalismo que derrocou as formas tradicionais de controle político e econômico, o mundo “repousa em fundamentos mecânicos”:

O puritano queria torna-se um profissional e todos tiveram de segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada a produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo o indivíduo nascido sob esse sistema, e não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica, e quem sabe, o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta²⁶.

A maneira como Weber desenvolve seus conceitos para entender a sociedade capitalista, mostra um grande esforço para se chegar aos mecanismos que determinaram a racionalização do mundo empírico e o naufrágio dos valores humanos. Ninguém pode acreditar hoje em dia, segundo Weber, que os conhecimentos de astronomia, biologia, ou físico-químicos, chegam a ensinar a alguém o propósito do sentido mundo. Acabaram-se as ilusões do “ser verdadeiro”, da “verdadeira arte”, da “verdadeira natureza”, do “verdadeiro Deus” e da “verdadeira felicidade”²⁷. A racionalidade instrumental sepultou definitivamente qualquer possibilidade de uma ética ou fé coletiva. Na ausência de um compromisso coletivo, cada indivíduo é responsável por suas atitudes e decisões. Cabe a cada um decidir o que é certo e errado, ou o que pertence a Deus ou ao diabo.

O Racionalismo grandioso, subjacente a orientação ética de nossa vida e que brota de todas as profecias religiosas, destronou o politeísmo, em benefício do único de que temos necessidade...²⁸.

Nesse aspecto, unicamente, a ética da responsabilidade que leva em conta o possível e as conseqüências resultantes nos outros é o que garante as decisões individuais, que Weber sugere àqueles que têm na ciência uma vocação. A ética da convicção é a da pureza intolerante, cujos partidários agem presos ao sentimento de obrigação com seu dever, não considerando as conseqüências e as relações de força subjacente às realidades por ser uma moral incondicional, que “quando se choca com uma resistência decidida, muitas vezes volta atrás e cai no milenarismo, quer atribuindo sua impotência a imbecilidade humana, quer recorrendo à violência extrema sob pretexto de querer pôr fim a todo tipo de violência”²⁹. Porém, como nem uma ética e nem outra podem ser previstas em seus resultados, uma vez que o bem nem sempre produz o bem, então o homem fica preso a um paradoxo, que Weber chama de paradoxo da responsabilidade, pois as conseqüências de uma ação serão sempre infinitamente complexas. Sendo assim, cada qual deve “encontrar e obedecer ao demônio que tece as teias de sua vida”, dizia ele, e buscar a razão individual desmistificadora do mundo, que conduza a clareza contra a transcendência salvadora das religiões.

A essa altura, cabe uma indagação: será que para Weber a razão é absoluta em todos os atos dos indivíduos? Ou melhor, será que toda ação é racional com arranjo a determinados fins? Certamente, não. Em instante algum Weber absolutizou a razão ao seu extremo. Na busca da explicação causal, recusava as causalidades exclusivas, defendendo que na imputação causal atua uma variedade de fatores e que dificilmente há uma causa única atuando nas ações dos indivíduos. Em particular, quando examina a troca no mercado, Weber sustenta que:

O câmbio pode estar determinado em suas condições de um modo tradicional e em relação com isto de um modo tradicional; mas também pode estar determinando de um modo racional. Atos de troca convencionais eram as trocas de presentes entre amigos, heróis, caciques e príncipes..., ainda que não fosse estranho que estivessem fortemente racionalizados em sua orientação e controle. A troca racional só possível quando ambas as partes esperam se beneficiar, ou quando uma delas se encontra em uma situação imperiosa, provinda de sua própria necessidade ou da ação de um poder econômico. A troca pode estar a serviço de um abastecimento natural ou de um fim lucrativo; ou seja, pode estar orientado pela

procura de um determinado bem a uma ou ambas das partes, ou pelas possibilidades de vantagens no mercado³⁰.

Imputar as trocas unicamente às causas econômicas, seria sustentar que as ações dos indivíduos são tão somente racionais com objetivos a determinados fins econômicos. Weber aduz que os fenômenos econômicos só possuem essa significação se seus interesses almejam tal fim. Desse modo, qualquer acontecimento com fins racionais, comporta igualmente aspectos irracionais em seus desdobramentos.

Um outro aspecto que reforça essa particularidade da ação racional é o componente da vontade, com bem explica Eugène Fleischmann:

... 'racionalidade com referência aos fins' comporta duas proposições: a-) que o ator sabe o que quer e b-) que ele realiza com sucesso sua vontade em circunstância de que são todas dele conhecidas. Mas isso nada mais é do que uma utopia, um ideal levado ao infinito segundo Kant: acontece muito raramente que se saiba o que se quer e se perverte decididamente nessa vontade durante um lapso de tempo considerável e, além disso, é absolutamente impossível que um ser mortal saiba o que acontece, na realidade histórica infinitamente complexa, à ação empreendida por ele. Não é o homem, portanto, mas os acontecimentos, quem decide sobre o resultado de sua ação³¹.

O autor dessa citação alude, ainda, que Weber podia estar “inspirado” em Nietzsche. O importante aqui é recordar que quando Weber fala de ação racional, em nenhum momento se refere como sendo um fator determinante no agir dos indivíduos, isto é, toda e qualquer ação sempre será determinada por um conjunto de fatores, que quando em andamento pode assumir direções variadas e indeterminadas.

Assim, quando se pensa a história social da humanidade, sobretudo examinando os acontecimentos político-sociais do século XXI, o que se vê são justamente várias causas interagindo entre si, produzindo fenômenos numa realidade plena de contradições, como diversidade, desigualdade, alienação, dependência etc. A explicação tem, portanto, que desvendar os nexos da transparência e essência das coisas: analisar os possíveis para captar o real, essa deve ser a tarefa do pesquisador, mesmo aqueles que se abrigam sob o manto das ciências da linguagem. A interface desta ciência com outras das ciências humanas e filosóficas pode gerar resultados profícuos, abrindo brechas num campo ainda pouco explorado, como

a possibilidade de se utilizar recursos explicativos dessas ciências para compreender uma realidade vislumbrada a partir de um ponto de vista de um observador inserido no contexto das inter-relações educacionais como, por exemplo, as praticadas no CEFET-RR.

REFERÊNCIAS

COHN, Gabriel.(Org.) **Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

_____. **Weber**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

_____. **Crítica e Resignação: fundamento da sociologia de Max Weber**. São Paulo: T. A. Queirós, 1979.

FLEISCHMANN, Eugène. “Weber e Nietzsche”. In: COHN, Gabriel. (Org.) **Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

FREUND, Julien. **Max Weber**. Paris: Press Universitaire de France, 1969.

JASPER, Karl. “Método e Visão do Mundo em Weber”. In: COHN, Gabriel.(Org.) **Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

SAINT-PIERRE, Héctor L. **Max Weber: entre a paixão e a razão**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994.

WEBER, Max. **Economía y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Economía, 1944, Volumes I e II.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.

_____. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

_____. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Cultrix, 1987.

NOTAS

1. Cf. Weber, 1974: 5-20.
2. Idem, 1944, pp. 7-8.
3. Saint-Pierre, 1994: 107-108.
4. Weber, 1973: 132-133, Apud Gabriel Cohn, 1979: 84.85.
5. Idem, 1974: 493.
6. Idem, p. 323.
7. Idem, ibidem.

8. Idem, p. 314.
9. Idem, p. 310.
10. Jasper, 1977: 133-134.
11. Weber, 1974: 7.
12. Idem, ibidem.
13. Freund, 1969: 39-40.
14. Weber, 1944: 70.
15. Idem, 1986: 57.
16. Idem, 1974: 381.
17. Idem, 1967: 127.
18. Idem, 1967:131.
19. Quando Weber analisa A Psicologia das Religiões Mundiais, sua preocupação é mostrar como as grandes religiões extirparam a magia a favor de uma visão racional do mundo, embora não tenha desencadeado os mesmos efeitos do protestantismo na Europa.
20. Weber, 1974: 343.
21. Idem: 749.
22. Weber, 1944: 1.074.
23. Neste caso, só para lembrar, escola, como o CEFET-RR, é uma instituição racionalizada burocraticamente, requerendo ações e comportamentos instrumentalizados daqueles que dela fazem parte: professores, alunos e funcionários. Por isso, tornou-se cultura palavras como gerenciamento, administração e qualidades motivacionais, que acabaram por se enraizar nesta instituição de ensino gerando uma espécie de idioleto, requisitado em reuniões de planejamento pedagógico e no funcionamento do corpo burocrático formado por diretores, gerentes e coordenadores.
24. Weber, 1987: 51.
25. Idem, 1967:109.
26. Idem, p. 131.
27. Weber, 1987: 35.
28. Idem, 1974: 42.
29. Freund, op. cit. p. 28.
30. Weber, 1974: 54.
31. Fleischmann, pp. 148-149, In Cohn, Gabriel, 1977.